

THEATRO DE S. CARLOS

ESTREIA DO NOTABILISSIMO TENOR MASINI



ATE' NO QUARTO ACTO DOS HUGUENOTES, SEGUNDO ALGUNS, "UM TENOR CARO" NO 4º ACTO
TENOR BARATISSIMO PARA O BEM QUE CANTA — ENTRE NOS O CANTOR TEM DE SER INFALIVEL
SENDO CARO. NAO SE APRECIA O "METAL DE VOZ" APRECIA-SE O "METAL" SOMANTE
CONSELHO A EMPRESA: APRESENTAR CANTORES COMO OS ENTERROS:
"BARATOS QUE PAREÇAM CAROS."

CHRONICA

O leitor «já maduro já cá dos veteranos» certamente que se lembra d'uma pobre velhota que, ha coisa de quarenta annos, estacionava ali pelas alturas do largo de S. Bento, resando Padre-Nossos pela intenção de quem a presenteava com uma moeda de cinco réis furados—n'esse tempo muito em moda.

Chamava-se Paschoa, a boa velhota.

D'uma occasião, no momento em que a tropega carcassa se apressava, correndo com a velocidade que lhe permittia o seu rheumatismo senil, para vêr a procissão da Paixão que sahia da igreja das Francezinhas, aconteceu-lhe escorregar n'uma casca de laranja, e dar uma cambalhota tão pericita que faria a inveja do clown Renz, se o Colyseu dos Recreios já funcionasse por esse tempo.

Um que presenciara o desastre e a quem pulsava nas veias o sangue ascendente do sr. Mendonça e Costa, exclamou logo, ao ver a pobre Paschoa estatelada na valeta:

—Esta agora é mais bonita! Então não *cahir* a Paschoa em sexta feira de paixão!...

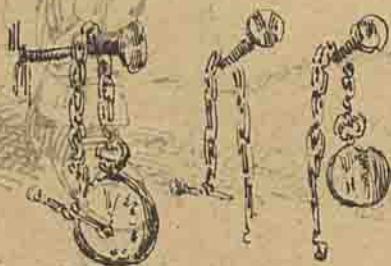
O dito fez época e em todas as casas de familia se commentou por longo tempo o caso de ter caído a Paschoa em sexta feira de Paixão.



A historia da Paschoa vem a pello no adiamento do 1.º de dezembro.

Conforme a resolução do governo o 1.º de dezembro cae este anno talvez lá para o dia de S. Silvestre...

Pena foi que os restauradores não tivessem obrado o seu feito heroico meia duzia de dias antes e o D. Afonso d'Hespanha não procedesse da mesma forma com referencia á sua eterna viagem, porque, n'esse caso, teriamos adiado o dia 25 de novembro, o que prolongaria por mais algum tempo as boas relações de amizade existentes entre as cadeias do relógio e os colleites de muitos inquilinos...



A resolução do governo traz as seguintes consequências no 1.º de dezembro:

Não haverá a *alvorada* tradicional, pelo que o *Diario de Noticias* não poderá incluí-la na sua *chronica do dia* e os gallos da capital ficam prohibidos de cantar o seu matutino *cócórócó*.



O patriotismo nacional não terá direito de manifestar-se, do que resultará que todos os cidadãos e todas as cidadãs das dimensões de Gabriel Claudio serão obrigados a deixar o patriotismo em casa, indo *fazer* a rua do Oiro ou a Avenida com um patriotismo ainda inferior ao da propria Sarah Bernhardt.



Todos os foguetes expansivos,—sem distincção de classe nem numero de respostas—ficarão impossibilitados de subir, como o ascensor da calçada da Gloria quando rebenta algum canudo do dr. Pinto Coelho.

O trombone das philarmonicas não excederá a verbosidade do tamigerado mudo d'Alcantara.

A trompa da bicha metterá na bocca uma bucha.

O contra-baixo recolherá a falla ao bucho.

E finalmente o drama do conselheiro Miguel Oso-rio, que estava para subir á scena no theatro de D. Maria, não poderá n'esse dia ser recitado pelos medicos em substituição do chloral!



Contra estas disposições do governo acaba de ser entregue no ministerio do reino uma energica representação, a qual, por muito bem fundamentada, tomamos a liberdade de transcrever na integra.

Eil-a:

«Dis u abacho aginado que, tendo sido puribido subir no perameiro de Dezembro próximo a todos os Foguetes, vem o supp. na sua collidade de Foguete—

que tem munta onra de çer — portestar que vac Beber (perdão! isto era a acinatura) digo, portestar que vac os ares se, não deichando subir os ditos ares os ditos Foguetes, o puribem tamem a Elle supp. de subir como costuma todos os dias o calvario da Boa-Ora.

O supp. tem d'ir ali neçe dia defender um réo que istá hymno-sente e cujo tensiona mandar para as costas d'alrica, ó menos com 15 anos de degredo por toda a vida.

Assim, o supplicante

Pede para que o deichem subir, ó estoira como uma bomba e dá alguma repostada torta.

acinado,

Dr. Foguete Junior.



Eram quatro horas da madrugada de terça feira ultima.

Acabávamos de escrever as linhas que antecedem, quando um corpo extranho, muito comprido e muito delgado, quebrando um vidro á janella do nosso gabinete, nos entrou pela casa de dentro, vindo cair-nos sobre a banca de trabalho, com a semcerimonia com que qualquer senhora bonita pode entrar pelo gabinete do sr. ministro do reino, indo cair-lhe sobre o sophá de seda adamacada...

Olhámos com surpresa o recémchegado, e, como pelo feitio nos parecesse o nosso collega Augusto Ribeiro,



estendemos-lhe affectuosamente a mão, perguntando-lhe a que vinha.

E elle não nos respondeu palavra.

E não nos respondeu porque as trez respostas que constituíam todo o capital da sua oratoria ja as tinha dado lá fora.

Porque não era o Augusto Ribeiro: era um foguete de trez respostas — já estoirado!

— Um foguete!!!!!! exclamámos n'um cumulo de admiração correspondente á pontuação anteriormente empregada; um foguete pela janella dentro! Mas os foguetes estavam prohibidos!

N'este momento, como prótexto bombastico ás nossas palavras, rebentaram lá fora as bombas atroadoras d'uma girandola bem servida e atraz das bombas, como machos atraz de femeas, seguiam os bombos de quatro phylarmonicas, martelando cada uma para seu lado o hymno da restauração!...



— Mas então (reflectimos conceituosamente) se os foguetes ribombam e os bombos andam esfogueteados, é que foi proclamada a liberdade do bombo e do foguete!

E saímos logo para a rua, a desfructar a alvorada do 1.º de dezembro.

Ao pé da porta fica-nos o mercado de S. Bento.

Está claro que nos não referimos agora ao mercado onde o sr. Fontes occupa o *logar n.º 1*, na sua qualidade de collareja-mór...

Referimo-nos mas é ao *Mercado Novo* — que por signal está servindo para o commercio dos *ferros velhos*...

Era ahí que reinava a festa, com o mesmo esplendor com que o sr. D. Luiz reina em Portugal e nos Algarves.

Quanto a fórmas de manifestação, as do costume, para variar.

Innumeras bandeiras, muitos festões de gaz, bastantes litros de Torres, rasoaveis enthusiasmos patrioticos e alguns pastelinhos de bacalhau.

Os «vivas», que tinham sido prohibidos expressa e absolutamente — incluindo o sr. Gonçalves *Ditos* — e que chegaram a estar presos no quartel do Carmo, lá andavam manifestando-se livremente, visto aquelle cavalheiro ter conseguido a soltura que solicitou, para si e para os seus irmãos de nomenclatura...



ALEGRIA POR DENTRO E LUTO POR FÓRA



A comissão 1.º de Dezembro estava gaudiosa no seu íntimo, ao passo que se mostrava enlutada cá por fóra.

Enquanto exteriormente se cobria de crepes, illuminava por dentro o coração com luminárias. o fgado com vellas de stearina, o bofe com bicos de gaz e a muela com balões a veneziana.

Cá por fóra o lemistie de luto a decorar-lhe o braço e a camisa de chita preta a vestir a memoria dos restauradores; lá por dentro as tripas a deitarem foguetes e a roncarem o hymno da restauração.



O nevociro dos ultimos dias tem-nos feito desconfiar de que o sr. Fontes já vendeu Lisboa aos inglezes — como em tempo se propoiu que ia succeder — e que elles carregaram com a cidade para o interior da velha Londres!

De dia mal se enxerga um palmo adiante do nariz; e então á noite — especialmente quando se accendem os candeeiros da iluminação publica — parece que anda a gente a passeiar dentro do bigode do sr. presidente do conselho!



E, a proposito, como a nebrina põe os bigodes pingando como alambiques, façam ideia da metamorphose porque tem passado n'estes dias o citado ornamento do supracitado presidente...

João de Lemos, que disse da lua de Londres:

«Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla d'amor ás bellas,
Não falla aos homens d'amor.»

se pudesse ver o distincto bigode de s. ex.^a, destinto agora pela humidade da atmosphera, é impossivel que o não cantasse tambem:

Traz perdida a côr de graxa,
Não desce as ruas da baixa
Formoso de negra côr,
Não sobe a rua do Quelhas,
Não falla d'amor ás velhas,
Não falla ao Bailio d'amor!

PAN-TARANTULA.



AUTONOMIA

Ha já longa data
— Com que eu não acerto,
Taes annos que ao certo,
Dizer não me lembro—
Que o luso povinho
Palpita de goso
No dia faustoso
1.º dezembro.

O pau da bandeira
Que ao vento desfralda
Vistoso engrinalda
De buxos e loiros;
Empunha as vaquetas
E zumba calumba
No pobre zabumba
Rebenta-lhe os coiros!

Percorre essas ruas
Vaidoso d'orgulho,
Fazendo um barulho
Com que eu recalцитro
Depois, todo cheio
De alegre alvoroço,
Carrrega ao almoço
P'ra cima d'um litro.

E passa—ás janellas
Jogando chalaças—
Nas ruas e praças
Da velha cidade;
E corre, e bordeja,
Nas vascas da touca,
Griando em voz rouca:
— Viva L. va. dade!

E grita em berreiros,
Abrindo a guella,
Co' a cara amarella
Da côr de gengivre:
— Por mais que entre os povos
Cogito e profundo,
Não vejo no mundo
Povinho mais livre!

.....
Que vãs liberdades
Na mente architecta
O pobre pateta
De ideias insonses
Que livre se pensa,
Que livre se julga...
— Quando é uma pulga
Nas unhas do Fontes!...

PAN-TARANTULA.



Passámos uma vista d'olhos pelo aspecto das decorações.

Estavam deslumbrantes!

Em primeiro logar um soberbo coreto, mal empregado até para durar apenas a vida das rosas de Malherbe—são apregoadas pelo chronistas como as alfaces repolhudas pelos vendilhões ambulantes.

Depois, uns graciosos escudos de cartão recortado, nos quaes se lia, em grossos caracteres, varios factos importantes da historia da restauração.

Aquella ideia dos escudos foi simplesmente pyramidal!

Mediante elles, o povo ignaro que concorreu á festa aprendeu a historia patria, sem dependencia do sr. João Felix Pereira, como aos domingos nas hortas aprende as cantigas do fado corrido, sem ter de gastar dinheiro no *Almanach do bom fadista*!



N'um dos escudos liam-se estas palavras, que copiamos religiosamente:

D. FILIPPA DE VILHENA E
D. MARIANNA DE LENCASTRE
ORDENOU-LHES A SEUS FILHOS
QUE PENSASSEM NÃO NA
SORTE D'ELLAS MAS NA
SORTE DE
PORTUGAL

Como se vê, nada de mais praticamente simples para uma pessoa aprender historia patria.

Não lhe succederá outro tanto no que respeita á grammatica, mas isso tambem não faz nada ao caso.

Lá está o sabio *Pisca-pisca*, que nunca aprendeu semelhante coisa, e que é lente do curso superior de letras...



Depois d'estes escudos, o que mais nos deu no go-to foram uns outros escudos que ornamentavam o alto de quasi todos os logares do Mercado Novo, e em cujo fundo, pintado de verde claro, se destacavam a oiro e em grandes dimensões estas duas letras de enigmatica significação:

P. E.

Toda a gente estacava a roer as unhas, pensando na significação d'aquellas duas iniciaes, mas nem os



charadistas do *Diario Illustrado* eram capazes de encontrar uma definição!

O facto de se acharem as letras sobre as portas dos estabelecimentos fez a um charadista mais esparto aventar, que as mysteriosas iniciaes significassem:

PREÇOS EMCOMPARAVEIS

Esta explicação porém não foi accita, por observar alguém mais instruido que incomparavel se escreve com i grego.

Depois de muito matutar, descobriu-se emfim que as duas letras significavam apenas o que se estava vendo...

A commissão dos festejos quizera, conjuntamente com a manifestação aos heroes de 1640, prestar uma homenagem de respeito ao hero do dia, a mr. Unthan, o homem que faz tudo com os pés, e por isso resolveu gravar nos seus escudos aquella significativa palavra:

P E'...



AS ESTRELLAS CADENTES



Justino Soares, observando o phenomeno meteorologico das ultimas noites, lastima de fundo da sua alma e do intimo do seu coraço de dansa não o ter Deus ainda chamado ao reino dos ceus, onde além de gozar a benaventurança que lhe está reservada, ensinaria as estrellas a dançar com mais compasso, na sua academia Celeste-Fantasia.